


LAÉRCIO PEREIRA



Menina da Lua,  
uma presença,  
uma procura

COLEÇÃO  
**POEMIX**  
TRADIÇÃO PLANALTO  
EDITORA

MENINA DA LUA,  
UMA PRESENÇA,  
UMA PROCURA.

LAÉRCIO PEREIRA

MENINA DA LUA,  
UMA PRESENÇA,  
UMA PROCURA.

1ª EDIÇÃO - EBOOK PDF  
BELO HORIZONTE

POEMIX  
TRADIÇÃO PLANALTO

2015

P436m Pereira, Laércio  
Menina da lua, uma presença, uma procura / Laércio  
Pereira. Belo Horizonte: Tradição Planalto, 2015.

112 p. (Poemix).  
Publicado em formato eletrônico. Disponível em:  
<[www.tradicaoplanalto.com.br](http://www.tradicaoplanalto.com.br)>.  
ISBN 978-85-99361-31-3

1. Poesia brasileira. I. Título. II. Poemix.

CDD: B869.1  
CDU: 869.0(81)

Informação bibliográfica deste livro, conforme a NBR 6023:2002  
da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT):

PEREIRA, Laércio. *Menina da lua, uma presença, uma procura*. Belo Horizonte: Tradição Planalto,  
2015. 112 p. (Poemix). Disponível em: <[www.tradicaoplanalto.com.br](http://www.tradicaoplanalto.com.br)> ISBN 978-85-99361-31-3.

Biblioteca responsável: Alessandra Rodrigues da Silva – CRB 2459 – 6ª Região

Copyright © 2015 by **Laércio Pereira**

Todos os direitos reservados. Este livro ou parte dele não pode ser  
reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita da Editora

Editor Executivo

**Ricardo S. Gonçalves**

Editor Convidado

**Juan Fiorini**

Revisão

**Maria Elisa Rodrigues Moreira**

Produção

**Tradição Planalto Editora**

Impressão

**O Lutador**

*Dedico à minha família.*



**Tradição Planalto Produções**

[www.tradicaoplanalto.com.br](http://www.tradicaoplanalto.com.br)

[contato@tradicaoplanalto.com.br](mailto:contato@tradicaoplanalto.com.br)

Telefax: (31) 3226-2829

*Agradecimentos:*

*Andréia de Lourdes Mota Marques, de  
Taquaraçú, professora de português, de  
sorrisos, mestra dos recomeços.  
Pastor Nicodemo, amigo e primeiro revisor.*

# SUMÁRIO

Prefácio .....	13
Introdução .....	15
Menina da Lua .....	19
As Tulipas Vermelhas Voltaram.....	20
Dupla Face.....	22
Os Gêmeos que Não Terei - I .....	24
Os Gêmeos que Não Terei - II.....	25
Fim dos Dias.....	26
Leva de Mim.....	27
O Escolhido.....	28
Voltar ao Pó .....	29
Flores Vermelhas .....	30
Não Por Seres Bela.....	32
Passageiros do Sol.....	34
A Visão.....	35
Isis Carolina na Cozinha.....	36
Pecado e Contrição .....	37
Karol Santo, Carol Nem Tanto.....	38
Trinta moedas de prata.....	40
O Passarinho .....	41
Insônia.....	42
O Amor é um Laço .....	43
Cocaína.....	44
Último Dia.....	46
Rena no Céu .....	48
O Anjo da Demência e o Fim do Mundo.....	49
Verdades.....	50
O Nada.....	51
Presença.....	52
Uma Presença.....	53

Meus Pensamentos .....	54
Mentiras .....	55
O que Vem de Longe.....	56
A Moça Impossível .....	57
Vinho Perfeito .....	58
Luz .....	59
As Orações da Dona Lia.....	60
Nunca, Nunca Esquecido .....	62
Universo em Mim .....	64
Vitimado.....	66
Uma Flor.....	67
Por Onde Anda .....	68
A Alma de Minas (Lembrando os Drummonds).....	70
Rainha das Flores.....	72
Roupas de Domingo .....	73
Meu Mundo Caduco.....	74
Tristeza, Poesia Tirana .....	76
Corpos Perdidos, Almas Encontradas.....	77
Os Velhos e o Capitalista .....	78
Sentimentos Novos.....	80
Globalização .....	81
Cascatinha .....	82
Amor Natimorto .....	84
Negro Amor.....	86
Bombus Hypnorum .....	87
Eremita .....	88
Voz que Não Vem.....	89
Os Profetas de Plantão.....	90
Estrela que Passa.....	92
Rio Mensal.....	93
O Louco.....	94

Morena Jorgeamadamente.....	95
Presença Constante.....	96
Alcance dos Olhos.....	97
Fim da Procura .....	98
A Dança da Lua .....	100
Hades e Há de.....	102
Imitação de Van Gogh .....	105
O Paraíso é do Lado de Cá .....	106
Abandono .....	108
Nos corredores do Abandono de Camille Claudel.....	110
Louvações para Laércio Pereira .....	112

## PREFÁCIO

Uma série de coincidências contribuiu para que Laércio Pereira e eu nos encontrássemos: o gosto precoce pela leitura (em especial pela poesia), as primeiras referências poéticas, o fato de ele conhecer meu pai (que é comerciante no mesmo bairro em que nosso poeta vive) e de eu ter sido convidado para editor da Coleção Poemix pela Tradição Planalto, dentre outras. Mas nenhuma destas coincidências foi tão marcante quanto o fato de ele não se assumir como poeta (o que, no caso dele, é absoluta modéstia).

Curiosamente, todos os poetas que conheço não se assumem como tal. E são portadores de uma carga poética interessantíssima, valiosa, rara até. Chego a acreditar que a poesia seria para eles como um belo e pesado piano cuja única pessoa a carregá-lo ladeira acima é o artista. Ser poeta pesa, ainda que a poesia seja leveza e abstração. E ser poeta é carregar consigo um estigma, uma nódoa que se fixa de maneira bela e triste.

E o estigma de Laércio é contundente, marcante. Ele expõe suas marcas com lirismo, força estilística e absoluta paixão pelas letras. Seus poemas nos conduzem a um mundo em que o verso é decisivo, forte. Afinal, para este poeta, a poesia não é um processo inseguro ou indeciso, porque ele compartilha o escrever, antes de tudo, consigo mesmo. Ele carrega o piano com prazer em ver o suor escorrendo pela testa.

Sílvia Araújo Motta, poetisa e – mais uma coincidência – amiga nossa, disse que Laércio “é um poeta nato”. Eu diria mais: Laércio é um poeta do real. Suas obras



carregadas de paradoxos, as sensações de incompletude, a necessidade de se observar o mundo em vários ângulos e a noção de poesia como obra de arte praticamente sem valor comercial traduzem o horizonte e os anseios não somente do homem quanto do poeta moderno.

Neste prefácio, saúdo Laércio Pereira, novo amigo e parceiro das artes. Saúdo sua força da palavra, suas rimas e tons, sua paixão pela poesia. Saúdo “Menina da Lua – uma presença, uma procura” (título que mistura a perda e o encontro), esta que é sua primeira obra, dentre tantas outras que desejo que ainda venham.

Ao leitor: que contemple nas páginas de “Menina da Lua...” o singelo, o triste, o suave, o áspero, o ameno e os extremos que a poesia de Laércio nos oferece. Acredito que, ao navegar pelas sendas deste livro, se sentirá identificado com o que lerá. Afinal, segundo ele, “este é um livro para os amigos”. E todo amigo da poesia é um amigo de Laércio.

*Juan Fiorini*

## INTRODUÇÃO

Todos os momentos são únicos, só alguns são mágicos.

Esta magia pode ter duas faces, um dualismo perverso, normalíssimo no universo “racional”. Assim, uma extrema felicidade pode ocultar, dentro de si, a extrema tristeza e o inverso.

As pessoas normalmente vagam entre o riso e o choro, protegidas pelo escudo da rotina ou do esquecimento conveniente (bloqueio); valorizam mais o riso para assegurar lembranças apazíveis. Eu tento colocar no papel meus momentos, da forma que me vierem ao coração, mesmo que sejam instantes de dor ou de confusão. Meus textos não tencionam ser obras de arte, mas querem ser o congelamento de um momento psicológico importante, como se fossem fotografias do instante.

A “menina da lua” não é uma única mulher, mas é única num determinado instante. Ela é a encarnação da mulher idealizada, que nasce e vai embora como a lua.

Meus versos quase sempre são anárquicos. Algumas vezes não são mais que frases espalhadas, só sentimentos e subversões rítmicas. Estão distribuídos pelo livro de forma intencionalmente desordenada, tanto temática quanto cronologicamente, para levar o leitor a uma viagem caótica, a uma procura. O leitor perceberá, assim, meus anjos e demônios rondando o tempo todo, podendo intuir a eterna procura do amor idealizado e as frustrações daí advindas.

É importante enfatizar que meus textos não são necessariamente autobiográficos, embora toda obra literária carregue o coração do autor.

Foi um livro escrito para os amigos.

Todas as manhãs eu te invento,  
Ponho-te na palma da mão e solto ao vento.  
Depois, feito um louco, saio à tua procura.  
Muitas vezes eu encontro,  
Todas as vezes tu és bolha de sabão.  
Pacientemente, na próxima manhã, eu te invento,  
Ponho-te na palma da mão e solto ao vento.

Laércio Pereira

## MENINA DA LUA

Braços abertos,  
Coração de abraços,  
Abraços...

Boca entreaberta,  
Coração de beijos,  
Beijos...

Volúpia louca,  
Coração alado,  
Pulsar febril,  
Mas efêmero.  
Loucuras adolescentes,  
Loucuras...

É a lua,  
Clareando,  
Abraçando,  
Beijando,  
Enlouquecendo...  
Minha lira sedenta de encantamentos,  
E arrebatamentos, e paixão, e poesia.

## AS TULIPAS VERMELHAS VOLTARAM

Nada pode ser mais triste nesta vida  
Do que ouvir todos os ruídos do amor,  
Todas as palavras dos doces momentos,  
Nos sons dos passos que se vão, resumidas.  
E se da boca do gemido inefável vier o adeus,  
As palavras que eram beijos agora espetam o coração da alma.

E a distância entre os dois corpos, tão inseparáveis,  
Aumentando...  
Aumentando...  
De modo a não se verem mais os olhos, antes cúmplices e úmidos.

Nada pode ser mais triste que sentir o vazio no ar,  
Outrora impregnado dos perfumes dos corpos unificados.

E a distância aumentando...  
E a crescente falta de ar, qual numa enorme altitude...  
A respiração, que antes vinha acompanhada de sons inconfundíveis  
E sorrisos inesquecíveis, agora peleja contra uma força que  
esmaga o peito.

E a distância entre os corpos aumentando...  
Aumentando...  
Numa proporção que nunca somem nos horizontes opostos.

O tempo passa, e a cada alvor pós nova noite em claro,  
Vai-se viver o dia com o corpo presente  
E a alma faltando pedaço.

Quatro estações se vão e as tulipas voltam.

Ressurgem, vermelhas, nas floriculturas,  
Abrasando ainda mais as lembranças.  
Compreende mais um ano ido,  
Sem sons, sem perfumes,  
Que valham ter sobrevivido.

Nada pode ser mais triste nesta vida,  
Do que ver a distância entre dois corpos, outrora entrelaçados,  
Aumentando...  
Aumentando...  
Sem sumirem nos horizontes opostos.

## DUPLA FACE

Um olho seu me enxerga,  
O outro me evita.

Uma frase me enverga,  
Uma outra me excita.

Seu riso me encanta,  
Seus dentes me cortam.

Uma mão me toca,  
Outra a porta indica.

Uma perna só insinua,  
A outra se oferta nua.

Uma lágrima é dor,  
A outra dissimula o riso.  
Riso dissimulador,  
Calculado, preciso,  
Angélico e ameaçador.

Eu falo,  
Você cala...  
Você grita,  
Eu silêncio.

Eu grito, berro, no cio,  
Você emperra, empaca,  
Indiferente à dor...  
Indiferente à minha dor.

Um dia é Freud, outro Jung.  
Num dia tudo é relativo,  
No outro, quântico,  
Yin e Yang.

Urro em desatino e cântico,  
Passivo e ativo,  
Comum e excêntrico,  
Barroco e romântico.  
Não! Romântico, não.  
Chama, reclama, clama por mim,  
Atira-me na cama,  
E foge...

Antes do fim.

## OS GÊMEOS QUE NÃO TEREI - I

O chorinho noturno, dengoso e sábio,  
Ao simples aproximar da mãe,  
Premedita o cessar das dores e do deleitoso advento,  
Sente o cheiro dos seios doces,  
Da pele láctea, uma via-láctea inteira.

A mãe sonolenta, desarrumada e mágica  
– a mulher mais linda que existe – tem cheiro de algodão-doce,  
Tem cheiro de cócegas na barriga,  
Tem cheiro de fraldas secas, e talco, e canto lento.  
Tem cheiro de colo santo  
E de acalanto.

O chorinho noturno, manhoso, birrento,  
Nos meus ouvidos atravessa as noites.

Ouçõ da mãe os passos bentos,  
De um anjo a nos velar:  
A mim, insone e triste,  
E aos gêmeos que nunca vão existir.

## OS GÊMEOS QUE NÃO TEREI - II

Chego do trabalho mais cedo.  
Afoito, feito um louco, corro em direção ao berço.  
A mãe, linda, diz em prantos,  
O cocô tá mole.  
O doutor disse que é gastrenterite.

Trago comigo um enorme urso de veludo branco,  
mostro, faço caras e bocas.

Falo a língua dos loucos para uma inerte platéia.

Faço-lhe cócegas na barriga.

Mostro a orquídea no vaso, digo que é tetéia.

E o bebê nem se move.

Pego no colo,  
E ele me olha abatido,  
Contido, o meu choro até então... me derreto.

Ele me estende uma mãozinha,  
Faz num fraco gemido,  
Gugu-dadá, como quem diz:  
“Acorda meu pai, sossega, não chora,  
Eu sou apenas um dos seus sonhos perdidos,  
Um dos gêmeos que nunca vão existir”.

## FIM DOS DIAS

Um dia, de repente, tropeças e cai.

Um dia, tu olhas no espelho e não te reconheces mais.  
É outro quem te olha invertido.

Um dia, tu cismas de recontar teus passos idos  
E vês que faltam alguns no caminho.  
Surpreso, os acharás nas cabeças e pescoços de amigos leais.

Um dia, tentarás o choro e te faltarão as lágrimas,  
Gastas que foram em choros teatrais.

Um dia, buscarás o teu riso mais franco,  
E verás que na face, moldado para sempre,  
Está um riso mimético, sedutor e falso.

Um dia, tu tombarás em desgraça,  
Desejarás a morte,  
E ela não te será digna.

Vai... Aperta o gatilho,  
Que é tua última chance de ter paz.

## LEVA DE MIM

Leva de mim o que tenho de melhor.

Leva de mim os meus olhos velando aquele nosso luar.

Leva de mim o meu zelo pelas flores,  
Que é o mesmo que me fez te buscar.

Leva de mim minhas canções.  
Não as fiz, mas é como se tivesse feito,  
Tal efeito provocam em meu peito.

Leva de mim o meu peito, que já não é meu.

Leva meu riso, que tu moldaste em meus lábios.

Leva de mim meu futuro inteiro,  
Pois, planejado para nós...  
Eu não tenho mais futuro.

Leva de mim minha ternura...  
Minhas juras...

Leva tudo, enfim...

Ainda assim...  
Sãs, fiéis e cruas,  
Bem no fundo de mim,  
Trancadas, vigiadas,  
Vivem...  
As nossas juras à luz daquela lua.

## O ESCOLHIDO

Fosse eu, o teu escolhido,  
O teu querido,  
O teu deus.

Fosse eu, teu sonho antigo,  
O diário amigo,  
Íntimo e fiel.

Eu te adoraria,  
Venerar-te-ia em genuflexão.  
Pecaria misturando crenças  
Monoteístas e atéias.  
Construiria para ti um templo de invocação,  
E te adoraria,  
Venerar-te-ia, com devoção.

Fosse eu, somente eu,  
O escolhido entre a criação.  
Atiraria pétalas em ti,  
E ramos de alecrim.

Isso, se eu fosse, menina,  
O diabo da tua imaginação.

## VOLTAR AO PÓ

Do fundo,  
Do mais profundo possível precipício,  
Caído, Moribundo,  
Repouso a esperar o posfácio.

E repenso, repasso, refaço minhas idéias e os meus algozes;  
Como um inseto se debate ante a morte atroz.

Constato agora, embora tarde, que os sentimentos, voláteis como gases,  
Tendem a ocupar o lugar mais fácil.

Assim, todo amor entope as veias e os olhos do amante,  
E o faz imune de enxergar o óbvio.  
Por isso, fica vulnerável à faca, ao ardil, ao beijo falso.  
Depois, volátil como é, o amor evapora,  
E o vazio, ao coração do amante incorpora.  
Então ele é incapaz de ser sábio.

No rosto de anjo e no coração efêmero de um adolescente,  
É possível morar todo amor do mundo numa hora,  
E na outra, todo o mal existente.  
Atrás de um abraço doce, pode estar a chama que derrete as correntes,  
E o fogo do inferno no outro instante.

Tão contraditórios os sentimentos são,  
Que o melhor mesmo é voltar ao pó,  
Ser empurrado pelo vento,  
Nada ser,  
E nada sentir.



## FLORES VERMELHAS

Olho ao meio-dia para o chão.  
Procuro...  
E não as vejo mais.  
As flores vermelhas  
Que na minha infância  
Coloriram de vida  
O cinza que insistia.

Elas vinham às onze horas,  
E dormiam cedo, bem cedo.  
Tinham uma cor diferente,  
Lava de vulcão  
Furiosamente ativo.

Semeadas pelo negro aveludado das mãos de minha Maria,  
Saltavam da terra,  
Por entre o verde musgo das folhas de veludo.

Olhar para elas era acreditar na vida,  
Que o inferno era improvável,  
E que no céu, além dos anjos, tinha  
Doces e uma bicicleta.

Uma festa de aniversário? Tinha!  
Com um bolo enorme? Tinha!  
Tinha um piso azul salpicado de nuvens brancas.  
No céu dos céus, com nuvens verdes, um outro céu, escarlate  
Como a minha flor.

Olho para o céu  
Que reflete o chão de hoje.  
O chão é cinza,  
Os dias são cinzas,  
O meu céu é cinza...

O cinza voltou.

## NÃO POR SERES BELA

Não por seres tão bela,  
A mais bela,  
Infinitamente linda.

Não por seres tão sensual,  
A mais sensual,  
Insuperavelmente sensual.

Não por seres cheia de luz,  
O brilho difuso  
De um lago azul,  
A própria essência do azul.

Não por teres o luar na pele,  
A lua cheia na pele,  
Nada há de tão leve.

Não porque tuas formas de ondas  
Mareiam os atentos olhos  
Do marinheiro de mil viagens.

Sequer é porque surges como miragem,  
Quando tudo está perdido,  
Apareces furtiva,  
Espalhas esperanças,  
E logo somes.

Não por razões cabíveis,  
Ou metafísicas...  
Acho não haver explicações.

Mesmo que eu nunca te encontrasse,  
Só de existires em algum lugar,  
Qualquer lugar...

para sempre e do mesmo jeito que hoje te amaria.

## PASSAGEIROS DO SOL

Passageiros do sol temos sido.  
Temos sido passageiros da luz.  
A noite nos incomoda.  
Ao limiar do entardecer.  
Nossos corações pulsam mais forte,  
E pulsam mais a cada bater do relógio,  
Para alcançar um limite na madrugada.  
Nossos corpos cansados  
Adormecem lentamente,  
Ainda arfantes...  
Arfantes...  
De tanta...  
De tanta solidão.

Passageiros da luz, temos vivido o dia.  
Aquele amor notívago  
Se foi como a noite que sempre esconde  
Os podres no escuro, no inconsciente.

## A VISÃO

O poeta sente frio,  
Surge um rio álgido de entre seus dedos,  
Tremores inexplicáveis destroem seus edifícios.  
Perdido, não mais sabe onde está.  
Escondido nas grutas fechadas dos seus medos,  
Um grande frio, muitíssimo frio.

Agulhas no peito,  
Algemas na língua,  
Garganta seca.  
Vontade de ser um deus,  
De inventar novas seitas,  
De parar o tempo,  
Reinventar o espaço.  
De morrer e ser Lázaro,  
De ser bom e mau.

À visão da eleita,  
O poeta é simples mortal.

## ISIS CAROLINA NA COZINHA

**I**r  
Saindo,  
Ilesa e lisa,  
Sem lavar as louças.

**C**ai... Cai... Sabão,  
**A**h! Em outra mãozinha,  
**R**ola fria água em  
**O**utra direção, outra cozinha.  
**L**avar louças? Ave Maria,  
**I**deal seria se...  
**N**a pia ficassem  
**A**té qualquer dia.

## PECADO E CONTRIÇÃO

Chego em casa, a imagem da Santa chora.  
Nem pequei ainda, Nossa Senhora!  
Não encaro a imagem e peço perdão  
Pelo que não fiz. Sinto solidão,  
Frio, medo, silêncio e abandono.  
Ela nada me diz e eu finjo ter sono.  
Deito-me a observar a lua nova,  
Que passa e lentamente vai embora.  
Fecho os olhos, abrem-se os olhos da alma.  
A tez da amiga distante me acalma,  
E sua voz preenche todo o espaço,  
Oscilante entre o choro e o riso fácil.  
Choro de olhos fechados e peito aberto,  
E durmo a pensar sobre o inatingível.  
Será que há o plenamente perto?  
Há o longe totalmente impossível?  
Beijo os lábios da lua distante,  
Na ilusão infernalmente feliz.  
No sonho não há espaço nem Dante,  
Cometo o pecado que ainda não fiz.

## KAROL SANTO, CAROL NEM TANTO

Quando Karol Wojtyla chegou ao céu,  
Na sua mochila de campanha havia então...  
Um uniforme surrado das batalhas vencidas,  
Um cajado e uma velha bíblia.  
Sem paramentos,  
Sem ouro,  
Sem mitra,  
"Franciscanamente" rico.

Recebido foi com intimidade por Pedro:

- Entre amigo, quisera todo Karol fosse santo como tu.
- Entre amigo, sabemos qual Karol tu foste.
- Entre amigo, mas ainda há uma Carol sem fé...

Ainda Carol que mente...  
Ainda Carol que se avilta...  
Ainda Carol serpente...  
Que envergonha os pais,  
Que desperdiça a vida.

- Alegra-te amigo, tu salvaste Marias, Joanas e uma Carol.

Ah! Se inda houvesse a foice,  
Se inda fosse o martelo...  
Carol perderia as mãos,  
Carol perderia a liberdade,  
Carol perderia a vida,  
E o pai perderia Carol,  
E a mãe perderia o pai.

- Bem-vindo, Karol Wojtyla, que a Carol do mundo tem tempo.

E Karol Wojtyla se aquietou pensativo.  
Tinha salvado Carol, da foice e do martelo.  
Mas subiu aos céus, com um olho no inferno.

## TRINTA MOEDAS DE PRATA

A alegria e eu somos duas paralelas,  
Por mais que nos esforcemos,  
Nem a ciência,  
Nem magia,  
Nada fará o abraço.

Às vezes, por um segundo  
Vêm-me os sonhos bons.

Mas são raios se promovendo.  
São deuses se promovendo.  
São deuses embriagados, no auge da euforia  
Alvejando-me e abandonando-me.

São os deuses do suicídio  
Apostando trinta moedas de prata  
E mais duas..  
Para os olhos meus.

## O PASSARINHO

Por que tu foste de mim, passarinho.  
Por que tão longe da minha janela,  
Buscaste teu ninho, tua quimera,  
Justamente quando me vi menino.

Quem irá à próxima primavera  
Fazer-me sorrir sem estar mentindo,  
E me dispor a dar um grito fino  
Como quem ao primeiro amor se entrega.

Quem me trará no aroma matutino  
O gosto da vida que se arremessa,  
Do cantar febril de quem faz um hino.

No anoitecer, rezo agora, sozinho,  
Para o amanhecer trazer à janela,  
A vida, no teu cantar, passarinho.

## INSÔNIA

A insônia é como um anjo carnívoro,  
Que me atormenta no escuro.  
Ora faz vôo sucinto, despenca do breu,  
Ora de leve me confunde.  
De dia eu fujo de um sonho,  
De noite este sonho me alerta.

A insônia é um híbrido incerto,  
Meio anjo, meio morcego,  
Meio Augusto dos Anjos, meio Vinícius de Moraes,  
Meio vidência, meio segredo,  
Meio falta de sonhos, meio sonhos demais.

Um pouco é asa, quase toda é degedo.

## O AMOR É UM LAÇO

O amor é um laço  
Que aperta  
Aperta  
Machuca  
Enforca...  
Alerta para a morte  
E forte  
Empurra para a terra  
E enterra  
Aterra  
Não erra...  
Mas dá uma chance  
De laçar o laçador  
E apertar  
Apertar  
Machucar  
Enforcar  
E forte...  
Lançar toda a sorte por terra  
Ofertar a morte  
E viver nela.

## COCAÍNA

Viver na surdina,  
Fazer dos sonhos, quimera,  
Pela toxina.

Tão mera a vida,  
Viver deveras, numa piscina,  
De anilina,  
Pela branca menina,  
Da onça cara.

Olorosa diva  
De aspirar,  
De adorar,  
De tão fina,  
Fina estampa.

Pobres devotados  
A este amor  
De aquecer turbinas,  
De viajar,  
De encorajar-se.

Letal miragem.

No coração de pai, friagem.

Turbilhão,  
De emoções,  
De serpentina,  
De purpurinas,  
No carnaval da triste sina.

Quarta de cinzas,  
Tudo termina,  
Some a turbina,  
E tudo explode.  
Nada pode  
Acalantar, ressuscitar,  
Tirar a dor  
De uma vida  
Mal viajada  
E acabada precoce num abismo,  
De segurança máxima.



## ÚLTIMO DIA

O último dia do nosso fim  
Deu em sol, mas poderia ter chovido.

Houve pássaros e eles corresponderam às expectativas.

Flores foram colhidas e enviadas,  
Perderam assim seus valores,  
Perderam assim o brilho da vida para o zelo de alguém.

Os ônibus vomitaram gente de manhã  
E a cidade funcionou.

Os camelôs sujaram as ruas,  
E os pivetes roubaram velhinhas.

O céu continuou crendo no azul.  
A tarde deu em triste.

Um vento soprou,  
A lua veio normalmente,  
Vênus não mudou em nada,  
E nenhuma estrela caiu.

Os casais agiram como de costume:  
O marido afoito, a mulher evasiva, pensativa,  
Quase distante.

Depois do frio da madrugada,  
O céu e a terra nem se esforçaram,  
Seguiram a luz do sol, inalterados,

Deu em sol  
O primeiro dia  
Depois do fim  
Da nossa história.

## RENA NO CÉU

Rena amena às trevas  
Ensina a noite a aluar.

Ensina a neve à névoa,  
Acena do céu ao chegar.

Aurora santa e suprema  
Convoque o dia a voltar.

Caso a escuridão entre em cena,  
À luz crepuscular,  
És manhã de sol e mar.

Semeie flores e borboletas,  
E gemas multi-facetadas.

Reze e rogue ao mundo melhorar.

## O ANJO DA DEMÊNCIA E O FIM DO MUNDO

Não me importa vir Vênus à minha janela.  
Que me adianta o luar bater à porta  
E domar minhas feras,  
Se o anjo da demência é quem me conforta,  
Ajoelha-se e ora na minha capela,  
Acende velas e sabe meus dogmas de cor.  
Respira os fluidos que a fé me libera.

Que me importa não ser pecador,  
Se o céu um dia sugará a atmosfera,  
Banquetear-se-ão os deuses e suas cortes,  
E no final,

O fogo lamberá os crentes e os ímpios e os fracos e os fortes.

## VERDADES

À sombra das verdades definitivas,  
As minhas são outras verdades.

Se o sol de todos, de todos não é,  
Ilumina-me menos o luar.

Se os notívagos colhem prata da lua  
E nela se fecundam,  
Eu, insone, vivo morrendo à luz de velas.

Se aos fins a poesia reverencia,  
Poeta menor, não reclamo.  
Vivo dele a espera,  
Não questiono, espero... espero.

A espera me esfria mais a alma,  
Cada segundo é um século,  
E cada dia uma eternidade.

Sou árvore de folhas perdidas,  
A primavera um ocorrido,  
O outono uma verdade.

... Vivo a espera do fim.

## O NADA

Um pincel passeia pela tela  
“Lento afetuoso” a violino,  
E no céu num’alva nuvem rindo,  
A cor da razão de todas elas.

Algoz de si, rumo ao concebível,  
Esforça-se e com o esforço o espanto,  
Tentar pintar e na tela, o inflexível,  
O incólume, o inefável branco.

Há no nada uma tendência ao nada,  
Como na urgência se hospeda a inércia,  
E nas minhas obsessões, fadas.

Sinto-me numa luta fadada  
Ao destino de todas as crenças:  
– a inexistência, o branco e mais nada.

## PRESENÇA

Melhor mel encontrei  
Numa boca que não bejei.

O veludo mais veludo  
Era o de uma mão, que à carícia disse não.

As melhores canções de amor deixam-me sem jeito,  
Um vazio no peito,  
E na alma um grande torpor,  
Pois a tua voz que não ouço nelas,  
Preenche meu leito  
De uma música mágica, constante e maior.

De todos os abraços,  
Teu abraço não dado,  
Foi o que mais durou,  
Porque não acaba, mas nunca começou.

De todas as presenças,  
A tua presença  
É-me fadada à eternidade...  
Não se vai,  
Não se cansa,  
Não me mata,  
Mas não me deixa a liberdade.

## UMA PRESENÇA

Há uma presença em mim,  
Dentro das noites e dos dias.  
Dois olhos imperativos, ímpares.  
Pássaros espectrais brincando,  
Zombando de mim.

Há uma presença  
Que é como um cárcere,  
Mas também como correntes quebradas,  
Pois, se me escraviza o corpo,  
Liberta a alma.

De tal grandeza de propósitos é,  
Que pela sorte dos seus,  
Fico sem.

E se arrebatado de Filosofia  
Procuro um,  
Nada encontro...

A não ser  
Os propósitos desta presença.

## MEUS PENSAMENTOS

São um misto de prazeres e cólicas  
Os meus pensamentos.

E já não respeitam mais a lógica.

Estão dentro de mim como encosto arredo,  
Que insiste em não ir.

Meus devaneios  
Rejeitam a paz da sujeição,  
Atuam à flor da pele.

Dão às vezes em arrepios,  
Noutras num perfume vadio.  
Escuridão em pleno dia,  
E na noite escura, lume de ofuscar.

Resgatam-me do sono,  
Entorpecem a vigília.

São um pouco de prazer e covardia.  
Já nem luto, nem reclamo,  
Basta-me passar noites e dias evocando  
Meu meio-anjo-meio-demônio.

E me curvar...

## MENTIRAS

Sei que mentes sérias coisas  
E até o que mentes eu sei.  
Foste uma rainha perigosa,  
Uma rainha de muitos reis.

Sei por que gostas das rosas,  
Sei dos espinhos nos teus seios  
E das sementes destes, eu sei.

Teu passado tem vários veios  
(o fim esconde os meios),  
Fizeste as próprias leis.

Teu passado é quase inacessível,  
Mas deixou marcas de ver.  
No teu presente, pouco invejável,  
Sei que mentes para viver.

Sei que mentes certas coisas,  
Mas é o teu maior poder,  
Cada vez que sorris falsa,  
Cessa meu impulso de morrer.

## O QUE VEM DE LONGE

O que vem de longe  
E nem me estranha,  
Entranha nas minhas entranhas,  
Profana meu siso e ares,  
As brisas das outras montanhas.

O que vem de outros lugares  
Trazendo-me os luars de então,  
E das águas, choros e canções,  
Compassos simples, singulares.  
Ares da inspiração.

A que vem de manso garoar,  
Rio mudo a avançar,  
Desaguar nos remansos das veias,  
E desatar amiúde corredeira,  
Para em forma de açude,  
Meu peito,  
Poeta, se imaginar.

## A MOÇA IMPOSSÍVEL

Seu corpo brinca em meu imaginário,  
Náufraga, solitária.

Baila nas dunas dos meus sonhos,  
Inventa novas danças,  
Representa só para mim.

Atriz desinibida, tira as vestes  
E continua vestida das roupas que se usa nos sonhos.

Quando abro os olhos, desaparece, como desaparecem os  
sonhos,  
Como se afundam os pés na areia das dunas.

Seus olhos brilham no meu imaginário,  
Brilham adolescentemente.  
São faróis que vigiam, distantes, meus mares.

Não me aproximo por causa dos recifes,  
Que não vejo, mas sei.

Resta-me ir ao vento,  
E à luz dos faróis,  
Sabendo-te,  
Mas sabendo o sonho.  
Sonhos bons evaporam,  
Mas deixam um sabor de mar nos sentidos.

## VINHO PERFEITO

Na uva doce e selvagem  
Vi o néctar idealizado.

Da parreira encontrada  
Colhi nos sonhos os rubis  
Escuros aromatizados,  
Senti o bouquet perfeito,  
Previ o sabor de notas raras  
Murmurando em minha língua,  
Brindando alma com alma,  
A minha vida colorindo.

Néctar é para deuses!  
Néctar é para deuses!  
Zeus tomou-me o cálice.  
Chronos me sacudiu.

Levaram o sonho de mim.

## LUZ

Luz de um astro,  
Rastro do mais absoluto inferno,  
Da mais imponderável fornalha.  
Transcende a si e a fonte,  
Rondando o impalpável  
E o impossível eterno.

Sendo luz é onda,  
E anda,  
Entre o abissal e o píncaro.

Oscila,  
Entre o cósmico  
E a partícula,  
Da partícula,  
Do infinitamente ínfimo.

Entre o plano e o multidimensional.

Entre a harmonia e o caos,

Assim é a mulher amada,  
Caótica e harmônica,  
Louca e santa,  
Aleatória,

Mas antes...  
Intencional.

## AS ORAÇÕES DA DONA LIA

Seu Juca trabalhava muito e bebia viciadamente.

Durante dez horas por dia respirava e comia o cimento da fábrica,  
Comia cimento, do pão ao jantar.

Terminado o expediente,  
Retornava um concreto ao lar,  
No caminho, em cada esquina, entrava em um bar,  
E não sei se para esquecer o dia,  
Ou tolerar a vida,  
Não sei!  
O fato é que de bar em bar ele bebia,  
Liquefazia o concreto com o álcool,  
Todos os dias.

Quando descia a rua, seus filhos corriam ao seu encontro, mas  
Não era o pai quem vinha,  
Era concreto liquefeito,  
Escorria de um lado ao outro da rua.  
Acostumaram-se os filhos.  
A mãe não...  
Chorava...  
Rezava...  
E cumpria sua sina, resignada.  
Não se divertia, não ia a festas, tinha um filho por ano,  
E definhava.

Ela tentou de tudo,  
De promessas a penitências

E ele continuava...  
Alma de cimento, fumo no pulmão e álcool infinitamente.

Os colegas de trabalho dele mal se aposentavam e morriam,  
Um de câncer na garganta, outro no pulmão,  
Um de tosse esquisita, outros de fraqueza ou coração.

Um dia ele parou de beber,  
Construiu a casa dos sonhos deles e ela sorriu o sorriso dos  
sorrisos,  
Tanto sorriu que isso lhe fez mal – falta do costume.  
Morreu de câncer no pulmão,  
E como sofreu sem reclamar – força do costume.

Talvez, nas orações, ela tenha pedido  
Para trocar de destino com o marido.

Acho que conseguiu.



## NUNCA, NUNCA ESQUECIDO

Meu grande amor,  
Amor chorado,  
Cantado em verso,  
Amor solitário,  
Unilateral.  
Amor perdido,  
Mas nunca, nunca esquecido.

Amor de menino, que virou gente grande e se comportou como tal.  
Ah! Teus cabelos dourados, teu pescoço com sal.

Um quarto de século se foi,  
Sobrevivemos ao bem e ao mal. Eu, em carne e osso,  
Mais em osso,  
Tu... Nem sei.

Como vai a vida da qual eu não participei?  
Tuas alegrias,  
(Tiveste alegrias, suponho.)  
E tristezas,  
E alergias.  
O vestibular,  
A gripe forte,  
O corte no dedo,  
O acidente que quase foi.

Eu perdi manias,  
Adquiri outras tantas...  
Perdi minha Maria,  
No céu faltava uma santa.  
E a tua Maria, como vai?

E a música que nos unia,  
O "rock" mudou, não dá mais para ouvir.  
E as baladas, as danceterias, o cigarro e o álcool.  
Tiveste uma paixão louca?  
E "amassos" no portão?  
E tua primeira vez, ai... ai...  
E deu em casamento, em filhos?  
Filhos...  
Noites inteiras sem dormir.  
E nas tantas noites alerta, lembraste de mim,

E do meu amor infantil, e riste?

De manhã a vida sempre continua,  
A tua vida eu não sei... A minha é triste, triste...

## UNIVERSO EM MIM

Foste sempre minha aspiração maior,  
Minha inspiração,  
Respiração,  
Instante zero universal,  
Centelha inicial.  
Sempre estiveste,  
Sempre houveste,  
Sempre...

Não houve um único plenilúnio suspirado um dia,  
Que não fosse tu em pétalas,  
Em veludo,  
Em prata (carne da lua).

Nem nunca houve evento cósmico,  
Quasar,  
Pulsar,  
Mancha solar,  
Partícula,  
E antipartícula,  
Ao menos um vago vaga-lume,  
Um luar e seu inexplicável perfume,  
Que não fosses tu, impregnando o ar  
Como o ruído de fundo da grande explosão.

Qualquer que fosse a estrela nova a contar,  
Tua luz é que emprestava a ela a vocação.

Sempre estiveste,  
Sempre houveste,  
Sempre...  
No entanto,  
Nunca houve um início,  
Nem nunca espaço.  
Nunca tempo cronológico.  
Por isso, não haverá saudades,  
E não é possível o adeus;  
Porque sempre estiveste,  
Sempre houveste universal em mim,  
Antes do início de tudo  
E muito depois do fim.

## VITIMADO

Tenho febre,  
Calafrios percorrem meus músculos,  
São terremotos ruindo os meus rochedos.

Tenho febre,  
Delírios tolos, tolos e esdrúxulos.  
Deliro, deliro e tenho medo.

Meu estômago rodopia, sorve as lavas de uma azia imensa.

Dói minha cabeça, meu cérebro sai de mim, voa.  
Não sou eu quem pensa.  
Os neurônios se negam, gastam ferro e oxigênio à toa.

Urtiga... Arde... Pinica toda minha pele.  
Um rio desce das minhas frestas.  
Pássaros invisíveis piam em festa.

Tenho febre.  
Tenho muita dor.  
Ou a morte me espia,  
Ou é o amor.  
Ou o fim, ou a utopia...  
Não sei qual é pior.

## UMA FLOR

Uma flor...  
A tudo quero hoje uma.

Mas não quero simples flor,  
Quero do mundo a alma nela.

Abelhas rondando, borboletas,  
E a possibilidade  
De um beija-flor.

Não me cisma a flor colhida,  
Mais apreço imputo a vida.  
Quando ela se for,  
Em semente se eternize.  
E ao despetalar,  
Só termine em bem-me-quer.

## POR ONDE ANDA

Por onde anda o anjo de olhos tristes,  
Voz de brisa,  
E pele de nuvem,  
Que brinca de me amar,  
E enquanto brinca,  
Devolve-me a vida...

Aonde anda meu ar.

Por onde anda o anjo,  
Que fala e enrubesce,  
Que sorri e enrubesce,  
Que me olha nos olhos e vê no fundo a alma,  
E enquanto enrubesce, eu fico roxo.

Por onde anda o anjo,  
Que nunca mais me deixará só,  
Que se está longe, não se vai de mim.  
E quando está perto, paro o pensamento.  
Que, quando amanhece, faz render-me em agradecimentos,  
E quando anoitece...  
Não... Trevas nunca mais,  
Nunca mais insônia,  
Nunca mais inércia.

Por onde anda o anjo-pétalas-orvalhadas...  
Anjo-pássaros-cantando...  
Anjo-água-de-bica...  
Anjo-peixes-no-riacho...  
Anjo-descalço-no-areal...

Anjo-frutas-no-quintal...  
Anjo tudo que esqueci,  
Deixei de ver.

Por onde anda,  
O anjo que desvendou os olhos meus.

# A ALMA DE MINAS (LEBRANDO OS DRUMMONDS)

*Escrito em parceria com a Bárbara*

A alma de Minas invade-me  
No mirante das Mangabeiras.  
Vejo a capital aos meus pés  
E todo o belo horizonte ao redor.

A brisa das montanhas e dos vales  
Traz o espírito das bandeiras,  
Que nas buscas ao ouro e verdes pedras  
Fizeram das muitas minas, um Gerais só.

Levam-me os ventos até Vila Rica  
Do Alejadinho e do mestre Ataíde;  
Ouro Preto, ouro do mundo, onde me ajoelho  
Inteira e comovida aos pés de um altar barroco.

Tanto brilho me encanta e me conta histórias  
De sonhos de alforria.  
Oh! Joaquim José da Silva Xavier.  
Oh! Mártir.  
Oh! Liberdade ainda que tardia.

A alma de Minas me invade.  
No mirante das Mangabeiras,  
quase posso ver dois Drummonds  
Subindo a Afonso Pena.  
Um, canta Itabira em versos,  
O outro, acena uma camisa preta ao vento.  
Um, poeta maior, soberano;  
O outro, um universo em prosa.

A alma de Minas me invade.  
E os ventos do passado  
Colorem meus planos.

## RAINHA DAS FLORES

Se com a astúcia do olhar humano  
Que olha a fêmea com olhar de bicho,  
Esmiuçada for a rosa,  
O homem não lhe tocará o âmago.  
Pois, verá de Deus os caprichos,  
E não verá na flor, a rosa.

Na alma dela há um amor insano,  
Daquele amor de dor sem queixa,  
De aloucar todos os arcanos  
E acasalar monges e gueixas.

Quanto abandono há na rosa!  
Quantos planos e desencantos!  
Quanto mistério há na rosa!  
Quantos crimes passionais!

Mas não há o pecado original.  
Rameira e indecorosa?  
Antes, benta e celestial.

## ROUPAS DE DOMINGO

Mesmo que as notícias tragam a guerra,  
Mesmo que os tambores marquem uma marcha,  
Mesmo que meus esforços de poeta  
Não passem de sentimentos sem palavras,  
Mesmo que a luta nos poemas  
Mais pareça  
Um nordeste tórrido em letras.  
E as manhãs das idéias  
Só nos tragam o sol que arde.  
Mesmo que todas as músicas, outrora ar,  
Tragam aos peitos a dor do iminente adeus.

Mesmo que os lábios risonhos das fotos  
Escondam a hipocrisia do olhar,  
Mesmo que o eterno tenha sido efêmero em nós,  
Mesmo que os momentos bons,  
Tenham sido como a paz na Terra,  
Mesmo com este monte de “no entanto”.  
Não me importo,  
Não ligo...

No futuro, o passado será sempre  
Um lugar a ser visitado,  
Com vestes de domingo  
E almas escancaradas.

## MEU MUNDO CADUCO

Meu mundo dança uma dança sinistra.  
Um ritmo inconstante,  
Uma melodia improvável:  
Blues, samba e jazz.  
Dois para lá...  
Mais dois para lá...  
E mais...  
E mais...

São músicas de músicos caducos:  
"Diz se pode,  
Ou se não pode  
Ápode e eunuco em escarcéu".

Pega meu mundo um barco ao léu,  
Da janela da alma eu vejo quando ele se vai.  
Ele se perdeu.  
Ele se perdeu.

Tecida a teia,  
Não se pode mudar.  
O futuro se esvai...  
Aventurou meu mundo a Deus dará.  
Não pisou no chão:  
Tinha estrela-guia.  
Preferiu sereias,  
Ao certo, o coração:

– "Pulsa o pulsar.  
Quase um quasar  
Um ponto nos olhos  
Soberba no ar".  
Corre mundinho cantando,  
De encontro ao grande encontro  
Que haverá no final.

No derradeiro coito da música e da dança  
Haverá um canto...  
Meu canto...  
Meu cantinho...  
Blues, samba e jazz.  
Dois para lá...  
Mais dois...  
Mais...  
Dança mundo caduco.  
Dança poema caduco.

## TRISTEZA, POESIA TIRANA

À luz da loucura  
Que se me apresenta,  
Loucos são os novos pensamentos.

À luz da tormenta dos novos sonhos,  
Tristes têm sido a calma da sanidade,  
A ditadura da santidade.

Mas pensar os próximos passos  
É atirar pedras ao léu,  
Chorar passos dados  
É atirá-las em Deus.

... Então a tirania da tristeza se alegra em mim,  
Ergue a voz sombria  
Impondo-me uma vida em clausura.

E quando um riso novo alvora...  
É utópico,  
Desconfiado e insano.

## CORPOS PERDIDOS, ALMAS ENCONTRADAS

Quando saí à rua, sozinho,  
Ainda nas veias corria a véspera.  
O limiar da manhã nada secura  
Meu corpo liquefeito da paixão.  
A musicalidade dos nossos toques  
Regia ainda uma sinfonia em mim.  
A lucidez do dia vinha, não  
Comprometida, lenta e ofuscada,  
Pela meia-luz incendiada do ontem.

Lúbrica osmose do corpo à alma fomos,  
Cada célula nossa transportando,  
Dos líquidos vertidos, os sumos do amor.  
Dos corpos lúdicos às almas profanas,  
Das almas profanas aos corpos aflitos,  
Dos corpos aos gritos, as almas em chamadas.

Quando saí sozinho à rua,  
Todos os sentidos aloucados,  
O corpo sozinho,  
A alma nua.  
O corpo perdido,  
A alma encontrada.



## OS VELHOS E O CAPITALISTA

Um rio corre montanha abaixo,  
Encontra outro rio que dá em floresta  
(Avenida Afonso Pena com Tamoios),  
Selvagem coração da cidade.

Nessa esquina onde durante anos,  
Todas as manhãs eu me transformo em lobo e engano mal,  
Dois velhinhos se tornam gente.  
Mesmo que chova, mesmo que faça sol,  
Ele é um negro soberbo feito leão ido.  
Ela, uma presa branca da escuridão.  
Ele nunca fala.  
Ela, cega, nada diz.  
Mostram as mãos vazias e esperam.  
Já fazem parte da avenida.  
Ele, um hidrante enferrujado.  
Ela, uma pedra fincada.  
Sempre estiveram ali.

Quando o sol surge  
E os carnívoros surgem em bando,  
Engravatados, sapientes e empinados.  
Rugem alto para ganhar dinheiro e predar gente.  
Os dois velhinhos já estão a postos.  
Sem fantasias  
Carnes carcomidas.  
Seres humanos de verdade.

Não se perturbam comigo,  
Não se perturbam com nada.  
Já sabem do meu não dar.  
Nunca lhes dei um tostão.  
Anos atidos em juntar.

Belo Horizonte acorda sempre atordoada,  
Vez em quando saciada,  
Outras tantas a dar patadas.  
Urre este monstro a sangrar seus pulmões de pedras,  
Ou hipócrita lamba pés.  
Os dois parceiros, impávidos, não se importam;  
Ele nunca diz nada,  
Ela nada diz.  
Mostram as mãos e esperam.

Da minha janela não os vejo, mas sei deles lá.  
Preciso que assim seja.  
São como um fio entre o ser e o não ser.  
Eu sou um lobo e eles, seres humanos.

## SENTIMENTOS NOVOS

Apesar de frágeis como as unanimidades  
Os sentimentos são sempre jovens.  
Efêmeros, como o jovem.

Obrigatoriamente, despertam todas as manhãs ávidos,  
Mesmo quando doentes de anemia.

Os relacionamentos longificados  
São convenientes  
Só à covardia.

Amo hoje,  
Amo amanhã.  
Depois, é improvável.

Amo-te hoje.  
Amanhã, tolero-te.  
Depois de amanhã, não me importo.

## GLOBALIZAÇÃO

Acorda amigo,  
Que o dia lhe exige o suor.

Acorda...  
Que a noite cumpriu seu papel.  
Acorda que a terra é uma bola  
E rola...  
De dia em dólares,  
De noite em lenes.  
Meia bola colonizada acorda,  
Meia outra dorme.

Acorda amigo,  
Que acordos foram feitos  
E a cor do dia lhe exige alerta no seu posto... Você é gado.  
Alimenta-se de transgênicos e engorda,  
Pois os gritos do pregão são como berrantes e lhe tangem.

Pois os laços globais lhe amarram nos sonhos,  
Enforcam  
E depois arrastam o seu  
Corpo pelo chão.

## CASCATINHA

Estava olhando vitrines.  
Olhando e não vendo.  
Nem vendo nem desejando.  
Num profundo querer coisa nenhuma,  
Absorto no nada ser.

Surgiu do meu lado um casal enamorado.  
Meu vazio saltou para a mais absoluta contemplação.  
Da contemplação à inveja.  
Da inveja ao desespero.

Pude ver a moça, o moço, não pude.

Ela era um anjo.  
Suave.  
Era veludo, era pétala.  
E era uma explosão de paixão.

Deu lentamente,  
Como uma flor se abrindo,  
Um abraço enorme,  
E um beijinho leve no rosto do rapaz.  
Depois disse como uma cascatinha diz ao vento:  
– Ai amor, é tão bom te abraçar!

Mais um abraço e se foram.

Eu também me pus a andar...  
Só que agora eu era outro.  
Mais feio, mais só, mais perdido ainda,  
Mas ligeiramente iluminado.

Não fora a beleza da moça o meu algoz,  
Mas a inflexão de cascatinha na sua voz.  
Nunca, nunca ouvi algo tão apaixonado.

## AMOR NATIMORTO

Imagina um grande amor,  
Rompendo rochas...  
Achando espaços...  
E desníveis.

Imagina um grande amor nascendo  
Feito um rio...  
Um fino fio,  
Prenúncio do ciclo:  
Nascer,  
Ser,  
Vencer obstáculos,  
Chegar ao final.

Mas qual um rio,  
Um grande amor não morre  
De morte natural.  
Se não for barbarizado,  
Barrado,  
Dragado e poluído, chega ao mar  
e começa tudo de novo.

Imagina um grande amor abortado,  
Impedido,  
Natimorto.  
O quanto de frescor das manhãs,  
De corredeiras,  
E cachoeiras,  
E floras ciliares  
Natimortos ou assassinados no berço.

Imagina um grande amor,  
Não feito em rimas,  
Rasurado no segundo verso.

## NEGRO AMOR

Quando acordava iludido do teu amor,  
Debaixo da laranjeira enorme da tua onipresença,  
Tuas flores pequenas de cheiro indizível  
Choviam uma cortina de branco intransponível em mim.  
Eu,  
Cego,  
Agradecia aos céus e aumentava minhas crenças  
Nos anjos,  
Nos sonhos,  
E no branco do teu entrevado amor.

## BOMBUS HYPNORUM

Como dois mangangás  
Meus olhos buscam as acácias  
E esfregam-se nas pétalas  
E se banham de pólen e néctar.

Mas são olhos e não dois mangangás.

Sorte dessas abelhas gigantes  
Que não param para chorar.  
Se não encontram uma acácia,  
Caçam a flor do maracujá.

## EREMITA

Há pessoas que se internam em conventos.  
Tem homem que se isola em caverna no Tibet.

Uns constroem moinhos de vento.  
Outros, rezam dias e dias, de uma cruz aos pés.

Tem gente que se entrega a Buda,  
Aos mantras, aos astros ou a Jesus.

Há pessoas que levam a vida morrendo  
Para alcançar o paraíso.

Alguns já foram queimados vivos,  
Outros escrevem longas novelas,  
Pintam aquarelas  
Ou fazem guerras.

Eu...  
Nem santo, nem bandido,  
Passo os meus dias a adorar  
Na terra  
Meu encontrado paraíso.  
Quisera nunca mais perdido.

## VOZ QUE NÃO VEM

A dor que me abocanha a alma  
Explica, ainda que só fisicamente,  
O efeito de o meu pegar o disco e...  
Ao invés de ligar,  
Discar ao contrário,  
Fazendo uma contra-ligação;  
Desligando deste jeito,  
A voz que não vem do outro lado  
E que insiste no meu dia-a-dia  
A determinar de que forma deve bater meu peito.

## OS PROFETAS DE PLANTÃO

Os profetas de plantão refestelam-se no palco que se ilumina.  
Mais uma vez guerra, mais uma vez mortes, rotina... rotina.

Nestas ocasiões esganam-se afoitos com seus instrumentos de prospecção:  
Cruzes, búzios, contas, conchas, terços e entranhas de animais.

Esganam-se em jogos de loucos, apostando o fim das criações.

Em tudo há nítidos sinais.

São abutres do "big crush",  
Carniceiros do Apocalipse,  
Vermes do Armagedom.

Farejam guerras, cevam bactérias letais.  
Olham para o céu e o sol está mais forte a cada dia,  
Olham a terra e ela está mais seca a cada dia.

O mar mais forte,  
A terra aterra,  
A neve neva mais...  
Vulcões,  
Tsunamis,  
Fome na África da África,  
Fome na África do Brasil.  
Crise de energia.  
Crise moral.

Como se tudo isso fosse novo, anormal.

Desde o começo das religiões,  
Está chegando o momento do juízo final.

## ESTRELA QUE PASSA

*Peço licença ao poeta Manuel Bandeira*

Oh! Vulcana, feita de caos e luz,  
De cujo corpo paina resplandece,  
Uma aura indecente torpe que induz  
Ao frio coração, o fogo, e ferve.

E abrasa e liquefaz o duro aço.  
Oh! Profana, de toque tal que arde  
Feito beijo roubado e vão abraço  
De adeus. Que aperta, queima, embora tarde.

Oh! Dama, volátil como bom sonho  
"vem feito chama, vai feito fumaça",  
sobram cinzas, sobra pó e carcaça.

Oh! Cigana estrela no céu tristonho,  
Que eu queria fosse estrela que passa,  
"Vem feito chama, vai feito fumaça".

## RIO MENSAL

A dor que agora me dói,  
Destrói a dor de ontem  
E constrói uma pior.  
Convivo com o desalento,  
O desencanto é meu irmão.  
O quebranto é um dote,  
As decepções são meu divã.

Uma química despudorada me concebeu.  
Outra disparou a ampulheta orgânica,  
Que parou na noite e nunca mais amanheceu.

Minhas moléculas poluem a terra,  
São aglomerados de átomos  
Encontrados também nos despojos das fábricas,  
Nas águas nodosas dos rios urbanos.

Quisera os despojos fossem  
Um rio mensal,  
Fluindo lento e doloroso,  
Levando a mim,  
Um óvulo não fecundado.



## O LOUCO

Num súbito lampejo sóbrio,  
Pairou o louco sobre o entardecer.

Contemplou aprendendo a contemplar  
O infinito ardendo em chamas  
(o céu enrubescendo a fase à investida da noite).

À análise física, fugia-lhe a mente.  
Ao abandono onírico, simplesmente,  
Mansas brisas vinham acalantar a alma doente,  
Mantendo-o a voar.

Pura magia o que seus sentidos percebiam.

la além do estar na cena.

A projeção dos sonhos idos.

E assim ficou,  
Drogado pelo entardecer,  
Encantado noite afora,  
Extasiado à aurora...

De manhã trouxeram a camisa de força.

## MORENA JORGEAMADAMENTE

Multiforme  
E multicoloridamente,  
Amo-lhe pedra lapidada.

Amor de veneração e humildade,  
De me calar  
E no silêncio,  
Acordado, sonhar.

Oh! Ônix de corpo inteiro raro.  
Oh! Deusa negra, deixa-me pactuar com a noite.

E render-me aos gritos, qual fosse eterna a madrugada.

E morrer...  
E ressurgir...  
Num moto-contínuo, qual orvalho e flor.

Oh! Fêmea jorgeamadamente.  
Oh! Sonho verde-amarelo.

Pesadelo das más esposas.  
Oh! Noite sem estrelas.  
Sem luar,  
Sem velas.  
A minha alma lhe tem  
Sem meu corpo a recebê-la.

## PRESENÇA CONSTANTE

Fecho os olhos e vejo-te,  
Constante e fiel,  
Doce, mas impossível;  
Palpável, mas onírica;  
Povoando em carne e osso a minha insônia.

E, no meio dos sons noturnos,  
Não é teu coração que ouço bater,  
Mas o meu, num solo fútil.

De manhã,  
Com a constatação da tua ausência,  
E do inefável abandono,  
Meus pés são dois pés esquerdos,  
Meu cérebro bifurca-se  
Cem mil vezes a partir do nada,  
E retorna ao nada.

Minhas mãos tremem algemadas a si mesmas  
E se desesperam à consciência do amor inatingível.

## ALCANCE DOS OLHOS

Sempre acreditei que o mundo ia..  
Além do alcance dos olhos, da vista.  
Que o ver com os olhos  
Engana,  
Limita,  
Enquanto os olhos do peito alforriam.

Que a abordagem ingênua dos olhos  
Acorrenta,  
Algema,  
Enquanto os olhos do peito  
Salvam,  
Libertam.

Há grandes diferenças entre  
O que é,  
O que vejo,  
E o que quero ver.  
E as palavras..  
Ah! As palavras!  
Estas explicam, planejam,  
Criam e recriam,  
Mas cerceiam.

Com o amor não é diferente.  
À experiência mística do se doar,  
A palavra amor nada diz.  
Sinto mais que a palavra pode definir,  
Amo mais que o amor é capaz de explicar.

## FIM DA PROCURA

Um dia eu sonhei você,  
Idealizei você,  
Descrevi você em versos utópicos.  
Estudei poesia,  
Estudei filosofia,  
Metafísica,  
E Deus.

Tantas... Tantas páginas apenas para lhe entender em mim.  
Visitei paisagens em sonhos e a vi correr pelos campos,  
Colhi flores brancas para os seus cabelos,  
E quando molhou as mãos no riacho,  
Pareceu-me que toda a vida na terra  
Fora feita ao seu dispor.

Idealizei você,  
Vi seus olhos nas chuvas,  
Seus cabelos num bando de pássaros,  
Sua voz baixinha no arfar de folhas,  
Sua pele nas névoas das montanhas,  
Seu sorriso eu vi em cada sorriso.

Idealizei você,  
Sonhei você.

Bejei bocas que não eram a sua,  
Mas era a sua boca que eu beijava.  
Amei e fui amado.  
Só meu corpo amou,  
Minha alma lhe esperava.

De tanto esperar, encontrei...  
Encontrada, eu me encontrei,  
E me perdi.

## A DANÇA DA LUA

*Este texto foi concluído sob a influência do eclipse total da lua  
ocorrido no dia 27 de outubro de 2004*

Por uma fresta da minha janela trancada,  
Janela da alma,  
Visita-me de repente uma luz prateada.  
Linda, cheia, imensa, a lua!  
Divina intercessão e diabólico provimento.  
Linda, jovem, intensa, a lua!

Desce do firmamento,  
Vence as bridas que nos impõem o espaço e o tempo,  
Angelicamente endiabrada.  
Invade o breu sem meu consentimento, e diz o meu nome:  
– Poeta, meu Tejinho! Rio da minha aldeia!  
E a voz é doce, e mansa, e vai sumindo devagarzinho:  
– Poeta, Tejinho! Riozinho da minha aldeia!

Estende-me os braços, e eles são longos no abraço do corpo inteiro.  
Seus olhos espelham as águas dos oceanos...  
Quando olha em plenilúnio, minh'alma acende em verde claro,  
Meio prata, meio ardósia,  
Para sempre iluminada.

Instala-se no meu quarto de infortúnios,  
Estala os milhares de dedos e então surge a música,  
É a Madonna, pulsante, lúbrica.  
Some por instantes numa nuvem, e quando volta é uma dançarina do ventre,  
As vestes brilhantes, uma renda no rosto rente,  
E uma saia de raios, de ofuscar os olhos.  
A dança começa tímida, mas um furor lascivo suas formas incendeia,  
E ela roda...  
E é lua nova...

Crescente e meia,  
E minguante e cheia,  
Todas de uma vez.  
Requebra, tremula, ondeia,  
E me provoca a preamar.

Porque sabe encantar,  
Faz-me em lobisomem,  
E eu uivo... Uivo...  
Uivo, ao rasgar-lhe os raios com os dentes,  
Ao secar-lhe o suor com os olhos  
E despir as formas com a mente.

Vejo-a sedenta e nua,  
Germinando em minha alma todas as sementes escondidas,  
De riso e prazer e – Vida.

Então, comovido, faço amor com a lua.

## HADES E HÁ DE

Deus, concluindo sua obra,  
Criou o luar,  
A menina da lua  
E o poeta.

E porque estava tudo certinho demais,  
Criou o livre arbítrio, a paixão e o caos.

E porque há o livre arbítrio, a paixão e o caos,  
A menina do poeta se foi.

Depois, na ânsia criacionista própria dos deuses,  
O Criador abandonou este e foi criar outros mundos.  
Desde então, tudo aqui tem sido possível...

Um animal preda o outro...  
Há de.

Uma espécie surgir e outra desaparecer...  
Há de.

Filhotes morrerem de fome...  
Hades.

Homem caçador de homem...  
Hades.

Um poeta torturado...  
Há de.

Um pensador envenenado...  
Hades.

Genocídios, etnocídios, suicídios,  
Dissídios coletivos, tumores malignos, e outros "cídios" tantos.  
O amor banalizado, o átomo desvendado, para explodir outro  
átomo e o ódio...

Hades!

Mas também há de:

Nascer uma flor na pedra...  
Há de.

Penicilina...  
Há de.

A endorfina...  
Há de.

Mozart, Chopin e o Tom...  
Lareira, fondue e bombom.

Pathfinder, Apolo,  
E o projeto Tamar.

Tudo isso há de!

Um corpo ocupar dois lugares ao mesmo tempo...

## IMITAÇÃO DE VAN GOGH

Eu sei que pode.

Assim, se neste mundo quase tudo pode,  
A menina do poeta, cujo corpo vaga pelas ruas,  
Pelas noites, mundana, perdida,  
Ocupa dois espaços de uma só vez pra desiludir os físicos.  
Enquanto vaga perdida, profana implacável a alma do poeta,  
E lhe comanda o peito, dirige os passos e os pensamentos.

O poeta vive só, mas acompanhado.  
Todos os dias, ele se prepara, faz academia,  
Não come carnes vermelhas, ingere fibras, toma vitaminas,  
Ouve música erudita, lê os jornais, mantém-se atualizado.  
Veste a roupa de domingo, se perfuma,  
E espera, espera, espera..  
Que do caos que reina,  
Das possibilidades infinitas,  
Da lua que volta sempre  
Ressurja de repente,  
De volta para sempre,  
A menina da luz,  
A moça dos sonhos,  
A mulher improvável,  
A menina da lua.

Quando você foi embora,  
Refugiei-me dentro de mim  
E pensei um trigal sem fim,  
Com corvos rondando.  
E caminhos que vão dar em lugar nenhum.

Pensei num céu sombrio e escuro.  
Pensei na minha impotência  
Diante dos axiomas da sua fé.

Quando você foi embora,  
Eu quis pintar com óleo sobre tela.  
Depois quis arrancar minhas orelhas,  
E quis paralisar meu coração.

Mas eu não venho da Holanda,  
Nem nunca estive em Auvers.  
Então chorei sozinho e pintei dentro de mim  
O meu campo de trigos com corvos,  
E me descobri morrendo amanhã.

## O PARAÍSO É DO LADO DE CÁ

Invade o universo e além.  
Questiona teorias  
À sombra da macieira de Newton.

Mentaliza o paraíso,  
Mentaliza..  
Mentaliza..

Adota dogmas esquisitos.  
Abdica do físico.  
Mentaliza..  
Mentaliza..

Atira-se de edifícios.  
Compra veneno de ratos.  
Aprende nós e laços.  
Desdenha do sétimo dia o ofício.

Mentaliza o paraíso..  
Mentaliza..

Mal a noite se apresenta,  
E a caráter Vênus se insinua.  
Na janela da frente ela dança lenta e vadia.  
Orion na janela dos fundos,  
Capturou três Marias..  
Mas segue de longe, tesou, a deusa nua.

Deus vira a página,  
E os personagens serão outros,  
Mas o insone estará na janela, fiel.

Mentaliza o paraíso..  
Mentaliza..  
Mas o paraíso está longe demais.  
Bate forte em seu peito,  
E ele não crê.

## ABANDONO

Abandono...  
Uma rabeca num canto sepultada.  
Resignada, ensimesmada e muda.

Abandono...  
O berço do filho planejado,  
Que foi ser anjo.  
E na parede, dois santos  
Ensimesmados e surdos.

Abandono...  
No chão, entre palhas e milhos carunchados,  
Uma Nossa Senhora em prantos,  
Sem a tinta dos olhos e sem o manto.  
Ensimesmada e cega.

Abandono...  
Cipó crescendo descontrolado.  
Suas mãos insanas esgoelam o cafezal,  
Razão da xícara,  
Que agora jaz  
Ensimesmada e suja.

Abandono...  
O fogão a lenha congela.  
Três bocas caladas num unísono sondar,  
Para onde foram todos.  
Em cima a chaleira  
Ensimesmada espera.

Abandono...  
No canto do quarto  
Um vestido de noiva entre trapos,  
E uma carta nunca enviada.  
Muda, surda, cega e suja,  
Espera...  
Espera...



## NOS CORREDORES DO ABANDONO DE CAMILLE CLAUDEL

Enquanto a moça caminhava pelos corredores da exposição, parava, observava quase sem fazer comentários. Eu que já tinha visto todas as obras expostas tantas vezes, aproveitava para assistir a ela, que é quase tão difícil de entender quanto é difícil de se ver Rodin e Camille Claudel em Belo Horizonte.

Às vezes, ela quietava paralisada próxima a uma escultura, isso era para mim como ver duas obras de arte, sem conflitos, só emoção. Noutras vezes, arriscava um comentário, nunca pretensioso, e quando me perguntou algo, me esforcei para ser útil. Eu, que não sou entendedor de artes – gosto mais da história que circunda as criações de Camille e seu mestre-amante do que entendo as obras deles propriamente – e se tantas vezes fui à exposição, e vi o filme, e pesquisei na internet, foi para entender o efeito da paixão nas suas criações. Confesso que me emocionei todas as vezes que visitei A sombra de Rodin.

A obra de arte que mais me emociona é O abandono de Camille Claudel. Esta escultura tem beleza, alma, espiritualidade, precisão técnica, e seus reflexos e sombras, dependendo da hora, da iluminação e do estado de espírito do observador, dão uma leitura diferente a cada nova visita. Isso é arte! Há nela um abandono de entrega, de resignação, mas de deleite, só possíveis para quem viveu o que a autora viveu.

A moça que circulava pelos corredores da alma de Camille, na exposição do Museu de Artes e Ofícios, em Belo Horizonte, me fez delirar uns delírios possíveis da artista. Eis aqui os meus:

Tento esculpir um mundo novo onde tu não alcanças.  
Com o cinzel da paixão ruidosa, mutilada e sem chances,  
Vou livrando das minhas pedras as sensações dos teus toques inefáveis,  
Desconstruindo o meu abandono em ti, abandono-me.

Tua voz de dono, silente agora, no subconsciente da pedra mora... impalpável.  
O teu olhar que me despia outrora são meus olhares concretos hoje, sem retinas, sem cristalinos, Reconstruo-te como tu és.  
Lavro! Vaso! Arranco os teus olhos de dentro de mim aos gritos de miserável.

Teu tino do amor é do cerne da rocha, não se alcança, não dá para arranhar.  
Ah! As tuas peles reflexivas eram como oxigênio, oxidaram minhas luzes do real...  
Tento esculpir um mundo no vácuo, retiro o ar, retiro as peles,  
Desbasto a lucidez do óbvio para revelar a rudeza de dentro de mim.

E retiro de mim as cores...  
E arranco as flores... não há de amanhecer em flores,  
Nunca mais deve haver primaveras, somente dores.  
Preencho o meu abandono com a pausa da tua dança.  
Preencho de sanha o meu mundo ideal,  
E às canhas rasuro o riso e o mel.  
Da paixão domo o pouco siso,  
E os nossos tantos gritos lascivos...  
Estes serão para sempre o âmago para mim.

Tu me ensinaste a criar corpos e músculos e pomos,  
Dão minha alma como alma para os corpos que agora crio em abandono.

Abandonei-me em ti...  
Abandono-me de mim.

# LOUVAÇÕES PARA LAÉRCIO PEREIRA

*Por Sílvia Araújo Motta\**

Na capital Laércio fez projeto!  
Talento nato mostra a toda gente,  
resgata laços, rasga o véu discreto,  
descreve dores, vence o nó presente.

"Vinho Perfeito" ... "O Louco" quer afeto...  
"Moça Impossível" "Por aonde anda ausente."  
Lindo "Universo em Mim" momento certo.  
"Tulipas" trazem "Flor" maior presente.

Traz "Abandonos" notas ideais...  
O "Passarinho" vem cantar à VIDA!  
Versos, lirismo... chegam sempre mais!

"Dança da Lua" amada vê sinal:  
nas "Orações"... na "Luz"... já tem guardada:  
- Exaltação lhe cabe, em paz real.

*Soneto Sárfico-Heróico Nº 2093  
do Verso Sonoro obrigatório na 4ª, 6ª, 8ª, 10ª sílabas.  
Decassílabo Rimado: ABAB, ABAB, CDC, EDE.*

*\* Sílvia Araújo Motta  
é Presidenta do Clube Brasileiro da Língua Portuguesa,  
Cônsula - Z - NO: Movimento Poetas del Mundo,  
BH - MG - Brasil*



O poeta Laércio José Pereira, nasceu em Contagem, Minas Gerais a 22 de dezembro de 1961. Casado Com Renildes de Brito com quem tem três filhos: Isis, Filipe e Pablo.

Acredita, que sua paixão pela literatura, especialmente pela poesia moderna, surgiu desde os primeiros períodos escolares.

É voraz leitor de vários autores da língua portuguesa, de Camões a Ricardo Chacal. Tem uma admiração especial por Guimarães Rosa e pela poetisa mineira Adélia Prados.

Além da literatura e da fotografia, o poeta é admirador das artes plásticas e cultua quase com veneração a escultora Camille Claudel.

Técnico em equipamentos fotográficos é sócio proprietário da empresa B. M. Morsani e Cia. Ltda., em Belo Horizonte.